

A REGA - Rede dos Grupos de Agroecologia do Brasil se encontra anualmente em âmbito nacional através do ENGA – Encontro de Grupos de Agroecologia e em âmbito regional através do ERGA - Encontro Regional dos Grupos de Agroecologia. O ERGA ocorreu em sua primeira edição no Nordeste, no Sítio Brotando a Emancipação em Cascavel- CE, durante os dias 08, 09, 10 e 11 de Junho, reunindo pessoas de quatro estados da região - Ceará, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e ainda, nômades vindos de São Paulo, Minas Gerais, Espanha, França, Alemanha e Colômbia.

Desde o momento em que se instalou no Sítio Brotando a Emancipação, em Cascavel-CE, o Movimento Crítica Radical pratica essa concepção: de que para ancorar um movimento amplo, primeiro precisa se reconhecer e fortificar territorialmente. Com o apoio dos moradores da comunidade da Mangabeira, sintonizados à filosofia do movimento, Sr. Zé Caiaito e Edvaldo, organizam e realizam eventos de reunião, partilha e confraternização, que possibilitam aproximação e participação com a comunidade, em várias iniciativas do Projeto no referido Sítio, abrangendo todas as gerações familiares. A partir do estabelecimento desses vínculos de confiança e vivência, o I ERGA/NE teve em sua construção a participação ativa da comunidade Mangabeira em conjunto com pessoas de referência na Agroecologia do estado do Ceará que contribuíram generosamente, antes e durante o evento tecendo saberes ancestrais e contemporâneos, reafirmando a força da partilha e dos mutirões, formando um grupo multidiverso e multietário, que reúne bebês, crianças, jovens, adult@s e idos@s.

O que une as cerca de 20 pessoas que vivem atualmente no Sítio é desconstruir a lógica capitalista e mercadológica em que vivemos, onde tão importante para a saúde do nosso corpo físico é a não ingestão dos produtos industrializados e do agronegócio, com seus agrotóxicos, estimulantes de apetite, hormônios, corantes, conservantes... como para a saúde da nossa hospedeira Terra, ancorando o retorno do ciclo de consumo ao empoderamento pessoal e local, investindo energias em plantio, beneficiamento e relações pessoais saudáveis, quebrando a lógica hierárquica que financia a minoria grande latifundiária (dona das indústrias e agronegócio) da nossa população. Um dos tantos sonhos desse grupo é proporcionar grandes encontros de partilha de alimentos no Sítio, reunindo pessoas de

muitos lugares, para simplesmente partilhar, sem desejar algo de retorno, criando abundância.

As práticas agroecológicas nutrem e fortalecem uma sociedade sustentável, consciente e desperta, que se contrapõem aos modelos opressivos, monopolizadores da vida, do conhecimento e do direito à soberania do ser. Estamos diante de uma história que não nos representa. Somos afetados por decisões que não nos contemplam. Nossas ações são frutos de sonhos e desejos coletivos que não visam lucro nem hierarquia. Somos irmãos e irmãs perante a vida. Cuidamos da Terra nesse processo de regeneração da natureza. Plantar, semear, adubar, reciclar, re-existir são os verbos que moveram o I ERGANE através dos espaços de práticas de saneamento, bioconstrução, farmácia viva, alimentação consciente e saudável, formas alternativas de produção de alimento, educação popular e expressões artísticas, como ferramenta de micro-revoluções. Pensa num encontro bonito! Alegre, diverso, autogerido, colorido!

Nestes quatro dias, tivemos uma quantidade enorme de oficinas: forno de barro, geodésica, agrofloresta, círculo de bananeiras, minhocário, produtos naturais de cosmética e limpeza, produção de pães, alimentação viva, aquaponia, além de apresentação de circo na comunidade da Mangabeira (com direito a palhaços, malabaristas, contadorxs de histórias...), refletindo na célula local, entre as pessoas, a magia da conexão interser da floresta com a arte, fogueira com lua cheia, debates e apresentação dos grupos, exibição de vídeos, chi kung, roda de capoeira e de côco, caminhada ecológica, observação de aves, produção de pamonha e canjica com milho do Sítio, um espaço de cura com massagens, reiki, argiloterapia... Pra melhorar, a alimentação durante o encontro foi toda vegana.

Dentro da programação do encontro os vídeos exibidos abordaram temáticas como: colapso do capitalismo, agroecologia, emancipação humana e ambiental. Durante os vários debates que se seguiram, o grupo Crítica Radical destaca em sua fala a seguinte colocação:

- “A civilização capitalista entrou em colapso, ou seja, se depara com a sua fronteira histórica em função da eliminação do trabalho vivo pela 3ª revolução tecnocientífica com base na microeletrônica. Ao mesmo tempo leva

ao extremo a destruição dos recursos naturais, ameaçando de extinção a humanidade e o planeta”.

Considerando que o trabalho é a substância do valor (que se expressa no dinheiro) e, portanto, do capital, estamos diante da crise do limite interno (econômico) e externo (ecológico) do moderno patriarcado fetichista produtor de mercadoria.

Isso coloca a necessidade de que os grupos de agroecologia e demais movimentos sociais, bem como indivíduos que anseiam pela suplantação do capitalismo, enfrentem o desafio de estabelecer uma crítica radical às categorias fundantes dessa sociedade: alimentação, mercadoria, trabalho, dinheiro, valor-dissociação, fetichismo, mercado, estado, política, democracia, etc. E, conseqüentemente, construir um movimento social de novo tipo que rompa com essas categorias e ao mesmo tempo avance na construção de uma nova vida, de uma nova relação social e com a natureza, portanto, de uma sociedade em que os seres humanos e a natureza não sejam mais submetidos ao automovimento do dinheiro e à regulação da política: a sociedade da emancipação humana e ambiental.

Para realização dessa façanha histórica é indispensável a superação do sujeito fetichista narcisista formatado pela matrix do valor-dissociação e a constituição de seres humanos livres e conscientes capazes de coletivamente suplantarem o capitalismo e construírem essa nova reação social.

“O Brasil, que vem de décadas e décadas perdidas, diante desse limite não tem nenhuma perspectiva, constituindo, portanto, um desafiante laboratório para quem quer suplantar o capitalismo e construir uma alternativa.”

Em Ciranda a vida gira em Mutirões para plantarmos e colhermos nosso alimento. Olhos nos olhos e com o peito aberto para os afetos, damos as mãos para construir, observando a agroecologia, o eco lógico da Terra, revelando a força mística da roda e do potencial exponencial que está disposto na união em diversidade de pessoas, experiências, saberes, sotaques, circulando e emergindo a abundante Economia Viva, Solidária e Colaborativa.

Ainda que ligados pela vontade de fazer a diferença nesse momento histórico da humanidade, foi notável a pouca representatividade dos grupos de agroecologia do Nordeste; mas em contrapartida, recebemos muitas experiências e pessoas que estão realmente vivendo e experimentando a

agroecologia, que acreditam na agroecologia não como alternativa, mas como caminho. O que nos fez refletir que a grande maioria dos grupos estão ligados às universidades, ao saber acadêmico, muitos foram impedidos de comparecer no Encontro devido demandas das próprias universidades. As experiências que chegaram, partem de pessoas que optaram por respirar a agroecologia no dia-a-dia. Poucas pessoas estão organizadas em grupos e/ou por territórios, salientando essa carência em trabalhos de organização comunitária agroecológica em nossa Região.

Foi também questionado a não participação da Paraíba no encontro, pelo fato de ser um estado próximo e por terem sediado o ENGA 2016, em Bananeiras, momento em que foi plantado a semente do I ERGA/NE.

Com o tema Sementes Crioulas: Colhe a Liberdade Quem Semeia a Vida, o Encontro caminha para o final junto com Ivânia e Inácio, os guardiões de sementes do Sertão do Ceará, companheirxs do projeto Ciclovida, trazendo a discussão da importância de se preservar e multiplicar as sementes crioulas, de criar espaços que garantam e partilhem tais sementes, sementes essas, da emancipação à favor da Terra, à favor da vida; trazendo não só a autonomia e garantia de alimentos, por não serem híbridas, como as vendidas no mercado, como também geradoras de alimentos saudáveis, livres dos transgênicos e agrotóxicos das tão conhecidas transnacionais que querem a todo e a qualquer custo nos tomar o que temos de mais precioso, a vida. As futuras gerações colherão os frutos das sementes que estamos plantando. E que sementes estamos plantando? A liberdade só existe quando plantamos as sementes férteis e livres. A fonte de maior importância que a academia deve beber sobre as sementes está na prática e na oralidade do homem/mulher do campo, xs guardiões milenares dos saberes tradicionais. Os debates permearam também temas como a importância do resgate da partilha de alimentos, período em que as pessoas plantavam, colhiam, partilhavam com os vizinhos, sem a mediação de dinheiro. Garantiam comida na mesa, sem a necessidade do alto consumo de produtos industrializados no mercado, que conseqüentemente hoje tanto nos assusta, com o desencadeamento das doenças seculares, ligadas a alimentação, como câncer, diabetes, hipertensão, ansiedade, depressão...

Dentre os encaminhamentos gerados pelo Encontro, além de afinar e firmar parcerias, iniciamos levantamento de dados para compor o

mapeamento, fortalecimento, ampliação e reconhecimento da Rede, com a finalidade de partilha de produtos e serviços através de um app e/ou mapa (que já vem sendo desenvolvido pela REGA: colar link) em que sejam catalogadas e descritas as iniciativas agroecológicas em atividade. Outras sugestões levantadas foram: articulação de um encontro que protagonize o fazer agroecológico das mulheres; dinâmicas para abertura de encontros que tragam à reflexão a consciência da gestão compartilhada; que para o próximo encontro a equipe da organização seja composta por pessoas dos vários estados da região e que tenham atividades de “ formação” junto à essas pessoas e aos que recebem o encontro com as diversas temáticas: feminismo, machismo, autogestão, gênero, educação popular, REGA e Agroecologia (com referências femininas nos momentos de decisão dxs facilitadorxs). Que tenham espaços de protagonismo infantil; que seja ampliada a participação da comunidade e dxs agricultorxs da região, desde a construção até o evento; que o encontro deixe frutos positivos e concretos por onde passar, mobilizando as células locais, como as escolas, faculdades, movimentos, associações e sindicatos locais.